

Judaísmo e Cristianismo na Germânia à época das Cruzadas

Cristiano Ferreira de Barros¹

1 – As Cruzadas: bases de um processo histórico

O século XI passou por transformações que são reflexos de mudanças importantes que ocorriam na Europa Ocidental. Para entendermos como se formulou a ideia de uma peregrinação em massa em direção à terra santa com intuito de libertar os lugares sagrados tomados pelos muçulmanos, precisamos elucidar algumas dessas mudanças que serão cruciais para o entendimento desse fenômeno.

A primeira pregação formal do Concílio ocorreu no concílio de Clermont em 1095. Ele tratou vários assuntos, dentre eles a condenação de abusos da Igreja, a arbitragem dos diferendos entre a Chaise-Dieu e Cluny, entre Archambaud de Bourbon e Souvigny, as regras das Tréguas de Deus e a excomunhão do Rei Filipe I, que residia, então, na abadia de Mozac, perto de Riom². Em 27 de novembro, em uma plataforma ao ar livre, Urbano II prega a necessidade de correr em auxílio dos irmãos do Oriente, pois os Turcos avançavam pelo coração das terras cristãs, maltratando seus habitantes e violando seus santuários. Salientou a santidade de Jerusalém e descreveu o sofrimento dos peregrinos que para lá viajavam. Tendo pintado o sombrio quadro, fez seu apelo. Que a cristandade ocidental partisse em resgate do Oriente³.

Desde os primeiros séculos medievais, o Ocidente em processo de cristianização, atentou-se com desvelo para a questão da guerra e o papel que ela

¹ Licenciado em História pela Universidade Gama Filho. Aluno do 8º período do Curso de Bacharelado em História da Universidade Gama Filho e pesquisador associado ao LITHAM/UFRRJ (Laboratório Interdisciplinar de Teoria da História Antiguidade e Medievo da UFRRJ), inserido no projeto coletivo *Linguagens, Discursividades e Mitologias na Literatura Adversus Iudaeos: Pensamento Eclesiástico e a Questão Judaica. Séculos IV a VI d.C.*, coordenado pela Prof.Dra. Renata Rozental Sancovsky.

² Extraído da revista *Massif Central*, H.S. nº1. Disponível em: <<http://www.clermontferrand.fr/Cruzadas.html>>. Acesso em: 11 de novembro de 2007.

³ RUNCIMAN, Steven. *História das Cruzadas*. Rio de Janeiro: Imago Ed. 2003, Vol. 1, p. 104.

ocuparia no universo do Cristianismo. Com as migrações germânicas, o Império Romano, no século IV e V, a partir de então cristão, precisou defender suas fronteiras, o que “levou a uma verdadeira sacralização dos exércitos imperiais”⁴. Esse papel que a guerra ocupou no Ocidente medieval reverberou de várias maneiras. Nos séculos IX e X, houve a continuidade de sua transformação, estimulado, principalmente, pela necessidade da defesa contra as incursões normandas e sarracenas. Na luta de reconquista cristã, na Península Ibérica, adotou outro papel, o de Guerra Santa. Benefícios espirituais já tinham sido concedidos, segundo Steven Runciman, pelos Papas Leão IV, João VIII e Nicolau I, a partir de meados do século IX, àqueles que morressem em batalha⁵. Na segunda metade do século XI, Alexandre II, Gregório VII e Urbano II, acrescentaram promessas espirituais aos que tomassem parte da reconquista. Era, dessa forma, contemplada uma aproximação do ímpeto guerreiro às necessidades religiosas, simbiose em que os guerreiros seriam persuadidos a combater em favor de Deus.

Pouco a pouco torna-se claro que, no movimento de purificação em que a iminência do fim dos tempos vem empenhar a cristandade do Ocidente, apenas a Guerra Santa é lícita. Ao povo de Deus que avança para a terra prometida, importa ter apaziguado todas as discórdias intensivas; deve caminhar na paz. Mas à sua frente o corpo dos seus guerreiros abre o caminho; dispersa, com a sua valentia, os sectários do maligno.⁶

Essa aproximação entre disposições guerreiras e a religiosidade, tida como fator determinante na concepção e ingerência sobre os acontecimentos que envolviam os homens do século XI, também são encontradas no que Paul Rousset chama de causas materiais das Cruzadas⁷. É o que podemos perceber no discurso de Urbano II, relatado por Fulcher de Chartres, em que salienta a responsabilidade dos cristãos em proteger o

⁴ CARDINI, Franco. Guerra e Cruzada. In: LE GOFF, J. e SCHIMTT, J-C.; (orgs.). *Dicionário temático do ocidente medieval*. Bauru/SP: EDUSC, 2006, Vol. 1, p. 475.

⁵ RUNCIMAN, Steven. *História das...* op. cit., p. 84.

⁶ DUBY, Georges. *O ano mil*. Lisboa: Edições 70, 2002, p. 203.

⁷ ROUSSET, Paul. *História das Cruzadas*. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1980, p 14.

“rebanho” de Cristo e admoesta os guerreiros a se desligarem de atividades e que direcionem as suas possibilidades guerreiras para uma batalha justa, santa⁸. Segundo as palavras de Fulcher de Charters, Urbano adverte: “Do not go to sleep, but guard on all sides the flock committed to you. For if through your carelessness or negligence a wolf carries away one of your sheep, you will surely lose the reward laid up for you with God”⁹. O mesmo pode ser encontrado na versão de Balderic de Dol, que descreve, enfaticamente, os grandes enganos a que os guerreiros entregavam-se em sua terra. Nas palavras do autor, representação do discurso de Urbano II, em Clermont, os cristãos são admoestados a abandonarem as batalhas travadas contra seus próprios irmãos, portanto, contra a própria Igreja. Opressores dos filhos, assaltantes das viúvas, envolvidos em homicídios, roubos, no sacrilégio do derramamento de sangue dos seus irmãos cristãos¹⁰. O caminho correto seria tornar-se impermeável às disposições guerreiras inglórias, adentrando na cavalaria de Cristo. Segundo as palavras de nosso relator, o papa Urbano II direcionou os cristãos ao Oriente, incitando-os a seguir em busca de sua salvação, pois ao invés de travarem batalhas impróprias contra os filhos da Igreja, deveriam lutar ao lado dos irmãos orientais contra os gentios.

Essas afirmações, por nós traçadas, devem ser entendidas à luz das condições de produção às quais o discurso está submetido¹¹. O considerável crescimento populacional que tem seu impulso, no final do século XI e no início do século XII, criou um quadro em que muitos cavaleiros, sem posses de terras e atividades que os levassem ao empreendimento de seus ímpetus guerreiros, dirigiram-se em busca de conquista em

⁸ “Let those who have been accustomed unjustly to wage private warfare against the faithful now go against the infidels and end with victory this war which should have been begun long ago. Let those who for a long time, have been robbers, now become knights. Let those who have been fighting against their brothers and relatives now fight in a proper way against the barbarians. Let those who have been serving as mercenaries for small pay now obtain the eternal reward. Let those who have been wearing themselves out in both body and soul now work for a double honor”. CHARTRES, Fulcher. *Gesta Francorum Jerusalem Expugnatium*. In: *Medieval Sourcebook*. Disponível em: <<http://www.fordham.edu/halsall/source/urban2-5vers.html>>. Acesso em: 18 de outubro de 2007.

⁹ Ibidem.

¹⁰ BALDERIC DE DOL. In: KREY, August C. *The First Crusade: The Accounts of Eyewitnesses and Participants*. Princeton: 1921, p. 33.

¹¹ Quanto à importância de explicitar as condições de produção de uma enunciação discursiva, Eni P. Orlandi informa que essas condições são fundamentais, à medida que fazem valer a memória acionada no discurso. Em sentido estrito, as condições de produção seriam as circunstâncias da enunciação. Em sentido amplo, incluiriam o contexto sociohistórico. Cf. ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. São Paulo: Pontes, 2007, p. 30.

países longínquos, ou à pilhagem em sua própria terra, como é o caso da Normandia. Isso gerou temores crescentes entre as populações camponesas, que sentiam o perigo representado por essas investidas de guerreiros salteadores. Como salienta Paulo Rousset, naquela sociedade em que a cavalaria desempenhava um papel ativo, não se encontrou problemas para conseguir recrutar guerreiros, bastava sensibilizar os cavaleiros, “excitar-lhes o fervor e as ambições para conseguir um exército”¹². Era a guerra em prol da paz; o movimento de purificação e o caminho de sua realização. É por meio da Paz de Deus e da Trégua de Deus, contudo, que essa busca pela paz foi engendrada, inicialmente, no Ocidente.

A paz de Deus buscou restabelecer a paz social, garantir a integridade do Clero e dos humildes perante juramentos sobre as relíquias por parte dos guerreiros. Esse novo tipo de paz corroborou para a difusão das “associações” armadas¹³ criadas com o propósito de garantir a sua efetivação. O conjunto de pressupostos da *Pax Dei* propunha proteger grupos de pessoas, como clérigos, camponeses, mercadores, peregrinos e certos lugares, como santuários, mosteiros e mercados de ofensivas dos cavaleiros, sob pena de excomunhão para os que a infringissem. Concomitantemente à Paz de Deus, desenvolveu-se outra tentativa de neutralizar as ofensivas guerreiras naquele contexto; a Trégua de Deus. Com intuito de cobrir os dias santos, ela “foi estendida à Sexta-Feira da Paixão, ao Sábado de Aleluia e ao dia de ascensão”¹⁴.

A Cruzada não seria apenas uma nova tentativa de apaziguar o Ocidente, mas a própria continuação das manifestações da Paz e da Trégua de Deus. Todavia, para que possamos entender o advento da Cruzada, no final do século XI, outro fator faz-se importante ressaltar; trata-se da questão das peregrinações, uma realidade vivida no imaginário da Cristandade que remonta a antes do século XI, período em que a peregrinação alcançou seu auge.

¹² Constata-se um conjunto de “vazios de poderes centrais” no Ocidente, em processo de guerras endêmicas. Neste sentido, as palavras de Rousset nos parecem bastante ilustrativas: “As condições políticas e sociais, no final do século XI, eram, portanto, favoráveis à Cruzada. A Europa forma então um mundo unido, a cristandade, a christandade. Os Estados não se constituíram, os príncipes são fracos, o imperador não possui um verdadeiro poder, e o papa, necessariamente, aparece como chefe da Cristandade. Numa época em que as fronteiras entre o espiritual e o temporal são mal traçadas, o papa é o guia das nações no que tange às coisas da fé e aos atos da política”. ROUSSET, Paul. *História das...* op. cit., p. 14-15.

¹³ CARDINI, Franco. Guerra e Cruzada. In: LE GOFF, J. e SCHIMTT, J-C.; (orgs.). *Dicionário temático...* Vol. 1, op. cit., p. 479.

¹⁴ RUNCIMAN, Steven. op. cit., p. 86.

A peregrinação, ou seja, o ato de se empenhar em uma jornada em direção a um lugar considerado santo, acreditando nos poderes miraculosos envoltos nesses lugares, ou das relíquias ali presentes, tornar-se-ia parte fundamental da cultura medieval, principalmente, a partir dos séculos VIII e IX, com grande hipertrofia no século XI, fomentada pelas guerras de reconquista e pelas Cruzadas. Nos séculos VII e VIII, segundo Franco Cardini, a Igreja põe em prática a *peregrinatio paenitentialis* (peregrinação penitencial)¹⁵. Entretanto, afirma Steven Runciman, que não se sabe ao certo quando elas foram ordenadas pela primeira vez por ordem canônica. Ainda segundo ele, as primeiras penitências medievais recomendam uma peregrinação, mas sem estipular uma meta específica¹⁶. Com isso, difundiu-se que certos lugares tinham valor espiritual penitencial, que poderiam oferecer a remissão dos pecados, estando entre elas, a partir do século X, quatro principais: São Tiago de Compostela, na Espanha, São Miguel, na Itália, e muitos locais sagrados de Roma e da Palestina¹⁷. As peregrinações nutriram no imaginário do homem medieval grande apego à espiritualidade e poder penitencial que emanava de Jerusalém, o que seria absorvido pela Cruzada, uma vez que ela consistiria em levar a salvação aos infiéis do Oriente e à libertação para os lugares santos, dominados pelos muçulmanos. Mais do que ajuda aos peregrinos que se empenhavam em sua jornada e encontravam problemas, a própria Cruzada formatou-se como uma peregrinação penitencial, de maneira que foram acrescentadas de benefícios espirituais para os que morressem em batalha. Todas as falhas e negligências poderiam ser expurgadas com a purificação do espírito na luta pela Cristandade¹⁸.

A incitação à batalha santa vem junto com a descrição cristã da postura dos muçulmanos, uma tentativa de restringir algo intolerável. A negação da verdade os colocava em posição desprezível, mas violentar aqueles que seguem e praticam a única verdade possível, seria o estopim desse conflito. Como nos alerta Françoise Héritier, a intolerância é sempre, essencialmente, a expressão de uma vontade de assegurar a

¹⁵ CARDINI, Franco. Guerra e Cruzada. In: LE GOFF, J. e SCHIMTT, J-C.; (orgs.). *Dicionário temático...* Vol. 1, op. cit., p. 480.

¹⁶ RUNCIMAN, Steven. *História das...* op. cit., p. 51.

¹⁷ Ibidem.

¹⁸ "But if there is in you any deformity or crookedness contrary to God's law, with divine help I will do my best to remove it". FULCHER DE CHARTRES. *Gesta Francorum Jerusalem Expugnatum*. In: Medieval Sourcebook. Disponível em: <<http://www.fordham.edu/halsall/source/urban2-5vers.html>>. Acesso em: 18 de outubro de 2007.

coesão daquilo que é igual a si, que tenta destruir tudo que se opõe a essa proeminência absoluta¹⁹. Como seria possível, dessa maneira, ir além para defender os lugares santos contra a impureza dos que sobre ela se abatia se, às suas portas, a impureza mais repugnante, àquela que ao salvador tinha negado, estava presente? A essa pergunta lançaram a sentença peremptória aqueles muitos espíritos afoitos à Cruzada; era necessário purificar os assassinos de Cristo.

2 – Judaísmo Ashkenazi: relações e conflitos em território germânico no século XI

As comunidades judaicas floresceram culturalmente no território do Império Romano Germânico e estabeleceram relações com seus vizinhos Cristãos. Consideramos que até o século XI, no território Germânico, o Judaísmo conviveu de forma relativamente pacífica com os Cristãos, salvo exceções em que algumas lideranças eclesiásticas manifestaram-se contra o Judaísmo, todavia não chegando a encontrar implicações práticas generalizadas. Como afirma Alfred Haverkamp, os judeus contribuíram amplamente na urbanização das cidades em território germânico, devido ao fato de que as suas atividades comerciais estarem voltadas, em sua grande maioria, para os centros urbanos. Outro fator que explicaria o estabelecimento dos judeus nas cidades seria sua postura político-religiosa, que concentrados nessas áreas teriam a efetividade da proteção garantida por parte dos líderes imperiais, tanto seculares quanto religiosos²⁰. Ademais, como podemos verificar na declaração do bispo de Speyer em 13 de setembro de 1084, por meio da *charta immunitatis*, é claro o interesse em estabelecer os judeus em sua cidade para ajudar no desenvolvimento econômico de seu povoado, concedendo-lhes liberdade de comércio e direito de julgar por meio da sua própria lei. Os judeus tinham, dentro dos muros reservados a eles, a permissão de portar armas e de comercializar as carnes que são proibidos comer por sua lei, podendo os cristãos comprá-las. Segue algumas palavras do próprio bispo Rüdiger de Speyer, direcionadas aos judeus:

¹⁹ UNESCO. *A intolerância*: Foro internacional sobre a intolerância, Unesco, 27 de março de 1997, La Sorbonne, 28 de março de 1997 / Academia Universal das Culturas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 24.

²⁰ HAVERKAMP, Alfred. *Medieval Germany*. 1056-1273. Oxford: Oxford University Press, 1988, p. 212.

Em nome da santa e indivisível Trindade, quando eu, Rudigero, bispo de Speyer, elevei esta localidade a cidade, pensei que acrescentaria a honra do lugar trazendo a ele judeus. [...] Seu lugar de morada, adquiriu-o de maneira justa, a colina parcialmente por dinheiro, parte por troca. [...] Dentro de seu lugar de morada e também fora, até o porto das embarcações, e no próprio porto, concedi-lhes plena permissão para cambiarem ouro e prata, comprarem e venderem o que lhes aprouver, e dei-lhes a mesma permissão em todo o estado. [...] Ademais, assim como o governador da cidade julga entre os cidadãos, o chefe da sinagoga decidirá todo o caso que possa surgir entre os judeus ou contra eles [...].²¹

Além do comércio local e de algumas atividades agrícolas como o cultivo de videiras e fabricação de vinho, a participação judaica em rotas comerciais no Mediterrâneo era muito constante, desde a época carolíngia. No fim do século XII e início do século XIII, eles se inclinariam para o empréstimo de dinheiro, acompanhando o crescimento comercial que ascendia na Europa. O empréstimo com fins lucrativos era condenado pela Igreja, porém os judeus estavam sob custódia do Imperador, que permitia tais práticas sob taxação. Esse acúmulo de bens, por alguns judeus, diante da pauperidade que assolava a grande maioria dos cristãos é visto por alguns estudiosos como um fator que teria contribuído para uma visão negativa deles por parte dos cristãos²².

O Judaísmo era considerado fonte auxiliadora para o desenvolvimento comercial e urbano no espaço imperial germânico, contudo o estatuto judaico sentiria imenso abalo nos próximos séculos, como influência das perseguições, ocorridas no final do século XI e no século XII, como consequência das mudanças processadas na Cristandade medieval. Pierre Sorlin fala de um arcebispo de Mogúncia, que no século

²¹ SPEYER, Rüdiger. Apud SELTZER, Robert M. *Povo Judeu, Pensamento Judaico*. Rio de Janeiro: Koagan, 1990, Vol. 1. p. 327.

²² Dentre eles: SELTZER, Robert M. *Povo Judeu...* op. cit., e BERNARD, J. B. *The Story of Judaism*. New York: Union of America Hebrew Congregations, 1992.

X, chega a estudar as possibilidades das conversões forçadas de judeus. Para ele, no século XI, “recorreu-se, sem dúvida, aos batismos impostos pela violência, já que o Imperador Henrique IV deu-se ao trabalho de proibir tais práticas”²³. Supomos que tais manifestações contra os judeus estivessem sussurrando aos ouvidos da Cristandade, durante o século XI, porém, não cremos que tal afirmação de Sorlin encontrasse respaldo em sua própria evidência. O bispo de Speyer, na *charta immunitatis*, afirma quanto aos judeus: “localizei-os fora da comunidade e habitações dos outros cidadãos, e para que não fossem facilmente perturbados pela insolência do populacho, cerquei-os com um muro”²⁴. Essa afirmação é outro indício para considerar a possibilidade das manifestações contra os judeus, no século XI, mas nada que nos leve a pensar que o corpo eclesiástico germânico concebesse a questão judaica diferentemente do Imperador, excetuando possíveis casos dispersos, nem tampouco, que esse imaginário anti-semita tivesse ocasionado perseguições e batismos forçados.

Por outro lado, temos vestígios do amplo relacionamento mantido entre judeus e cristãos no cotidiano, recebendo, inclusive, o apoio de autoridades religiosas e seculares, quando da irrupção dos cruzados em território germânico. Partindo de alguns monges anônimos e tomando grandes proporções com as pessoas que acompanhavam os cruzados, difundira-se a ideia de que havia chegado a hora de converter os judeus e lhes impor a lei cristã, mas com a ameaça dos cruzados na região renana, muitos judeus tiveram amparo de cristãos, mesmo que imersos em uma visão de mundo conflituosa. Narrando as perseguições do exército do conde Emico na comunidade de Mogúncia, durante o início da Cruzada, um cronista judeu relata-nos a felicidade do bispo da cidade em saber que o Rabi Kalonymos, líder da comunidade judaica, estava vivo.

Então, saíram R' Kalonymos [e os que o acompanhavam], e ele os colocou em contato com um comandante de navios que os conduziu durante a noite pelo rio Reno ao lugar onde se encontrava o bispo, na aldeia de Rüdesheim. E o bispo muito se

²³ SORLIN, Pierre. *O Anti-Semitismo Alemão*. São Paulo: Perspectiva. 1974, p.18.

²⁴ SPEYER, rüdiger. Apud SELTZER, Robert M. *Povo Judeu...* op. cit., p. 327.

alegrou com R' Kalonymos, por estar ainda vivo, e prometeu salvá-lo juntamente com aqueles que o acompanhavam.²⁵

Concomitantemente, preparavam-se três exércitos na Germânia. Volkmar, Gottschalk e o conde Emico de Leisingen, todos chefes militares que perpetraram perseguições a comunidades e grupos judaicos nas comunidades de Spira, Worms, Mogúncia, Colônia, na cidade de Trier, Neuss, Wevelinghofen, Eller e Xanten, o que resultaria em batismos forçados, milhares de mortes individuais e coletivas, e a prática hebraica do *Kidush Hashem*. Volkmar, Gottschalk e o conde Emico encontrariam bloqueio na Hungria, onde o Rei Coloman impedi-los-ia de prosseguir, rechaçando-os.

O relato da passagem dos cruzados pelo território germânico onde estavam estabelecidas as comunidades judaicas, a caminho de Jerusalém, é descrita pelo cronista Salomão Bar Sansão (*Shlomo bar Shimshon*). É possível percebermos, ao longo de todo texto, que o cronista atém-se ao apego e fidelidade de alguns judeus à sua fé e salienta a violência dos cristãos, principalmente contra mulheres e crianças. Na descrição que se sucede percebemos também adjetivos que ressaltam o sofrimento a que seus antepassados foram submetidos como consequência das perseguições. O cronista sempre acentua a postura de lealdade por parte dos perseguidos às crenças e dá ênfase às práticas ritualísticas penitenciais como, por exemplo, o jejum. Isso pode ser exemplificado no trecho a seguir retirado da crônica, que explicita a postura adotada pelos judeus após tomarem ciência do levante dos cruzados e suas intenções:

Ao ouvirem suas palavras, as comunidades recorreram aos costumes de manifestação da fé de seus antepassados com arrependimento, oração e caridade. Então sentiram-se enfraquecidos, sem coragem e amedrontados, e mantiveram-se escondidos em suas casas perante a ameaça de seus inimigos, e mantiveram-se em penitência com jejuns contínuos, dia e noite,

²⁵ SANSÃO, Salomão Bar. In: FALBEL, Nachman. *Kidush Hashem*: Crônicas Hebraicas sobre as Cruzadas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial, 2001, p. 98.

durante três dias. Além disso, suas penitências chegaram a secar suas peles como galhos ressequidos de árvores (Lm. 4:8).²⁶

Quanto aos ataques perpetrados por Emico de Leisingen, descreve o cronista as perseguições na comunidade de Worms, no qual destaca a resignação dos caudatários diante a imposição do batismo perpetrado pelos cruzados e enfatiza a entrega deliberada dos judeus à espada dos cruzados, não se entregando ao batismo.

Eles fortificaram-se pelos feitos de seus irmãos e morreram santificando o nome de Deus à vista de todos, estendendo seu pescoço para serem degolados em Nome de seu Criador. E os que se mataram cumpriram com o que foi dito: ‘A mãe foi esmagada com seus filhos’ (Os. 10:14), e o pai caiu sobre seus filhos, sacrificando uns aos outros, irmãos e parentes, esposa e filhos, bem como noivos sacrificaram suas noivas e mulheres piedosas a outras criaturas.²⁷

Orlandi assevera a necessidade, concomitantemente à interpretação discursiva do texto, de buscar os processos parafrásicos, que a autora define como o retorno aos mesmos espaços do dizer, ou seja, um processo linguístico-enunciativo, no qual há algo que sempre se mantém. Essa memória discursiva, que a autora define como interdiscurso, torna possível todo dizer que retorna como pré-construído²⁸. Como vemos na crônica estudada, a paráfrase, ou seja, um recurso que materializa os efeitos da memória do interdiscurso, está presente em alguns pontos. Para nós, tal consideração torna-se valiosa, nesse momento, em que nos pautamos sobre os conceitos advindos do campo da lingüística, porém não perdendo de vista outro objetivo que orienta esse

²⁶ As crônicas têm várias referências indiretas aos textos da Bíblia Hebraica (Tanach) e do Talmud, mas não se encontravam indicadas no texto em hebraico. Na tradução feita por Nachman Falbel, por nós aqui utilizada, já constam as indicações no próprio texto. Ibidem. pp. 74-75.

²⁷ Ibidem, p. 76.

²⁸ ORLANDI, Eni P. *Análise de...* op. cit., p. 32.

momento de nossa pesquisa; traçar a representação hebraica da prática das cruzadas, sua leitura feita por parte dos perseguidos e como essa leitura foi construída socialmente²⁹.

Dentro da cultura judaica medieval, algo presente, constantemente, nos textos e narrativas é a íntima ligação dos acontecimentos contemporâneos com o seu passado remoto, que seria extremamente relevante para explicar os eventos que cerceavam os judeus medievais. Dentro dessa perspectiva, as afirmações do cronista sobre a qual debruçamos nossas investigações giram em torno da perspectiva de uma estrita relação de sentido com os acontecimentos do passado, no qual homens de fé incontestável teriam sido perseguidos e expulsos no período da destruição do segundo templo de Jerusalém. Assim, a crônica assimila antigas estruturas estabelecidas na memória judaica. Como aponta Yerushalmi, exímio estudioso da história e cultura judaicas, “perseguição e sofrimento eram, afinal, o resultado da condição de exilados, e o próprio exílio era o fruto amargo de antigos pecados”³⁰. Atentando ao seguinte trecho, constamos, empiricamente, as afirmações mencionadas anteriormente:

Clamaram e gritaram com amargor, porém seu pai não lhes respondeu e não ouviu suas orações, e manteve-se distante, pois Deus mostrou-se aborrecido e escondeu seu rosto perante eles (Sl. 78: 67; 2 Rs. 17:18), pois havia decretado desde o dia do castigo (Ex. 32: 34; Jr. 50:31) que esta geração tinha sido eleita para uma oferenda, pois tinha a força e a coragem para chegar a seu palácio e realizar sua missão e santificar seu elevado Nome no mundo de sua criação.³¹

O cronista mencionado afirma que os judeus da comunidade de Mogúncia, dentro da cultura ashkenazi considerada sagrada, quando souberam das mortes nas comunidades vizinhas de Spira e Worms, buscaram se organizar contra o que teriam de enfrentar. Mesmo com a ajuda do Bispo e a tentativa da comunidade negociar com

²⁹ Para o conceito de representação Cf. CHARTIER, Roger. *História cultural: entre praticas e representações*. Lisboa/Rio: Difel/Bertrand Brasil, 1991.

³⁰ YERUSHALMI, Yosef H. *Zakhor: História Judaica e Memória Judaica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 56.

³¹ SANSÃO, Salomão Bar. In: FALBEL, Nachman. *Kidush Hashem...* op.cit., p. 75.

Emico, o que os judeus da comunidade de Mogúncia mais temiam, aconteceu. O conde Emico lançou a ofensiva contra o palácio do arcebispo, perdurando o ataque pelos próximos dois dias. Salomão Bar Sansão faz uma declaração que nos remete, novamente, à permanência dos mesmos espaços do dizer na maneira de conceber os acontecimentos na cultura judaica medieval:

Mas aquele que deveria fazer a paz (Is. 45: 7; Jô 25:2) abandonou-os, e Deus escondeu seu rosto de seu povo e o expôs à destruição (Jr. 18:21). [...] tão pesados eram os pecados da gente de seu povo, o castigo recaindo sobre as comunidades santas como se derramassem sangue, e ainda que Ele seja um juiz justo, nós carregamos a culpa.³²

Outro objeto simbólico que atua na crônica de maneira a dar sentido à sua discursividade é o *Kidush Hashem*. Presente em todo o desenvolvimento da narrativa, o *Kidush Hashem* consiste em um judeu retirar sua própria vida ou de seus próximos, como um ato sacralizado de defesa contra a conversão forçada, contra a apostasia. Em suma, surge como consequência das perseguições. Aqui, também é importante entender o efeito da memória, do retorno aos mesmos espaços do dizer, como fator importante para construção dessa postura judaica que tanto marcaria a espiritualidade pós-Cruzada do Judaísmo ashkenazi. O cronista cita Rabi Akiva, exaltando os feitos desse e de seus companheiros, conhecidos na literatura talmúdica como os “dez mártires do Reino”, que foram mortos durante o reinado de Adriano. Como afirma Falbel, são considerados o modelo e paradigma do *Kidush Hashem*³³.

Benditos somos em realizar sua vontade e bendito seja todo aquele que foi morto e degolado para morrer santificando o Seu Nome, preparado para o outro mundo e para sentar-se junto aos

³² Ibidem, p. 78.

³³ Ibidem, p. 84.

justos, Rabi Akiba [sic] e seus companheiros, fundamento do mundo daqueles que morreram santificando o Nome, e não somente isto, mas também dos que trocaram o mundo das trevas por um mundo de luz, um mundo de sofrimento por um mundo de alegria, um mundo contingente por um mundo eterno.³⁴

Vemos ainda o presente sendo transmutado no discurso como passado vivo, na volta do cronista à imagem de Abraão pronto para esfaquear Isaac, como sacrifício divino, que se tornou um paradigma e desempenhou papel importante para a geração de sobreviventes³⁵.

Nesse aspecto, vislumbramos esse diálogo intertextual com a passagem bíblica e a importância da permanência desses símbolos como forma de dar sentido à suas vicissitudes³⁶. A continuidade demarcada no discurso, contudo, não torna menos importante o papel dos desvios, dos deslocamentos, para entender a concepção dos sentidos que foram forjados, e também as “criações” consequentes das interações entre os agentes históricos. Roger Chartier defende que não podemos ceder ao propósito de ver nos discursos e nas práticas campos enrijecidos, sem espaço para o deslocamento e para a variação³⁷.

Nosso cronista deixa-nos vestígios de que sabia a diferença relativa às perseguições hodiernas a ele e os acontecimentos envolvendo seus antepassados na antiguidade. Inferimos que essa seja a marca diferenciada das crônicas hebraicas relatando as cruzadas da grande maioria dos textos medievais produzidos pela cultura judaica; a consciência de que algo totalmente novo, com seu próprio significado anunciava-se nos acontecimentos vividos pelas comunidades do Reno, como podemos ver no trecho que relata perseguições na comunidade de Mogúncia:

³⁴ Ibidem, pp. 83-84.

³⁵ YERUSHALMI, Yosef H. *Zakhor*: História... op. cit., p. 57.

³⁶ “E os filhos de Sião (Lm. 4: 2), filhos de Mogúncia, vivenciaram as dez provas de sacrifício como o de Abraão, nosso patriarca, e de Ananias, Misael e Azarias (Dn. 3). Também eles sacrificaram seus filhos como o fez Abraão a seu filho Isaac, e receberam de boa vontade a obrigação dos céus, do Rei dos Reis, o Santo, bendito seja, e não quiseram receber ou aceitar, como tementes ao nosso Rei, a religião cristã, tendo por isso estendido seu pescoço à matança e entregue sua alma pura ao Pai que está nos céus”. SANSÃO, Salomão Bar. In: FALBEL, Nachman. *Kidush Hashem*... op. cit., p. 85.

³⁷ CHARTIER, Roger. *História cultural*... op. cit., p. 65.

Perguntai e examinai se houve tal sacrifício desde os dias do primeiro ser humano. Houve porventura alguma vez mil e cem sacrifícios em uma dia, e todos como o sacrifício de Isaac, filho de Abraão? Por apenas um que foi sacrificado no monte Moriah, o mundo ficou abalado [...] Por que os céus não escureceram e as estrelas recolheram seu brilho e sua luz (Jl. 2: 10), e por que não se apagaram Sol e Luz em suas nuvens quando foram mortos e sacrificados em um dia, em três de sivan, no terceiro dia, mil e cem almas santas, infantes e crianças que não cometeram o mal e não pecaram, e almas de pobres inocentes?³⁸

A obstinação dos perseguidos frente os cruzados é um dos fatores importantes para o correto entendimento dos esquemas de resistência forjados em meio aos conflitos citados. Em aula inaugural no Collège de France, ministrada em 1970, e intitulada *A Ordem do Discurso* na edição brasileira, Michel Foucault defende que o discurso em toda sociedade passa por processos de controle, seleção e distribuição, que ora limita seus poderes, ora limita sua aparição aleatória, por meio de procedimentos que determinam a sua condição de funcionamento³⁹. O mesmo autor assevera, em momento que apresenta algumas noções que regulam a análise, que

O tênue deslocamento que se propõe praticar na história das idéias e que consiste em tratar, não das representações que pode haver por trás dos discursos, mas dos discursos como séries regulares e distintas de acontecimentos, este tênue deslocamento, temo reconhecer nele como que uma pequena engrenagem que permite introduzir na raiz mesma do pensamento o acaso, o deslocamento e a materialidade.⁴⁰

³⁸ SANSÃO, Salomão Bar. In: FALBEL, Nachman. *Kidush Hashem...* op. cit., p. 85.

³⁹ Cf. FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 2009.

⁴⁰ *Ibidem*. p. 59.

Essa constatação de Foucault evidencia sua discordância com a forma, segundo a visão do autor, da História narrar os sistemas de pensamento como um desenrolar contínuo, sem espaço para as discontinuidades que Foucault dá suma importância para o entendimento do discurso como séries homogêneas, porém descontínuas e que resguardam certas regularidades passíveis de existência. Isso possibilita-nos lançar mão de um contraponto, visto que dentro do pensamento das novas tendências em História Cultural, há grande interesse pelos produtos culturais desviantes, pela digressão nas práticas culturais entre grupos sociais distintos.

Nesse sentido, faz-se necessário mapear as formas de resistência forjadas pelos judeus das comunidades perseguidas e mostrar que os ataques não se deram de forma unilateral, uma vez que os judeus manifestaram práticas rituais e luta armada como maneira de resistir aos ataques cristãos e, em última instância, ao choque de leituras de mundo que se percebe no decorrer desse capítulo da história das Cruzadas.

Dentre as maneiras de resistência forjadas pelos judeus atacados nas Cruzadas, o *Kidush Hashem*, como já explorado acima, pode ser entendido como uma forma de resistir ao batismo e à espada dos impuros, como os judeus caracterizavam os cruzados. A crônica fala-nos de mulheres santas que praticaram o sacrifício ritual. Frente à ofensiva dos cruzados, algumas mulheres recusaram-se a aceitar as “águas pestilentas do batismo”. Quando os cruzados as levaram para igreja, não quiseram entrar na “casa da idolatria deles”, resistindo ao cheiro do incenso, da “abominação”⁴¹. A resignação ao batismo, a entrega a morte e o ritual de sacrifício são práticas através das quais enxergamos a resistência dos judeus contra a perseguição, que transcende ao campo meramente material, adentrando ao campo das leituras de mundo. As palavras do cronista, sua maneira de caracterizar os cristãos da Cruzada, relatam essa antinomia. Recitando as palavras de um dos perseguidos no massacre, nosso cronista descreve:

‘Vós, filhos do pecado, acreditais numa divindade que é um bastardo e pendurado, e eu acredito em um Deus Eterno, que habita o alto dos céus, no qual depositei minha confiança até

⁴¹ SANSÃO, Salomão Bar. In: FALBEL, Nachman. *Kidush Hashem...* op. cit., 95.

este dia, e assim farei até minh'alma expirar. E sei da verdade, pois vós, ao me matardes, minh'alma repousará no paraíso, iluminada pela luz da vida [...] E, na Greena, vós e vossa divindade sereis julgados e estareis fervendo em excremento, pois ele é filho de uma prostituta'.⁴²

Esses confrontos prorrogam-se ainda no plano físico. A resistência armada garante presença marcada na narrativa que lançamos mão da análise. Em um caso contido no discurso de Salomão bar Sansão, o alvo dos cruzados é um rolo da Torá, que foi rasgada em pedaços. Algumas mulheres vendo, explanaram em alarde o ocorrido, enchendo-se de tristeza. Ao ouvirem as palavras dessas mulheres, dentre os judeus presentes, um jovem conhecido como Rabi Davi, filho do rabino Rabi Menachem, chamou-os e disse: “meus irmãos, rasguem vossas roupas em honra da Tora”. Na continuidade da lamentação, encontraram um cruzado na sala, que segundo o cronista analisado, foi apedrejado e morto⁴³. Retratando um acontecimento na comunidade de Mogúncia, a crônica conta-nos que cristãos atacaram judeus, matando-os, desnudando-os e pilhando seus bens. Houve certa resistência e a luta que durou até o anoitecer. Quando os judeus perceberam que os cruzados estavam vencendo e que não suportariam muito tempo mais à ofensiva, apressaram-se a sacrificarem-se uns aos outros⁴⁴.

As perseguições desferidas às comunidades judaicas causaram sérios impactos aos judeus, ao passo que tiveram que se reorganizar naquele espaço marcado pelo convívio social intenso com cristãos. Nesse espaço social que antes era assegurado pelo Império, mesmo com a proteção oficialmente reafirmada, viram-se obrigados a forjar novas posturas por meio de seus Judaísmos. A prática do *Kidush Hashem* lançaria bases para uma nova postura espiritual, verificado no caráter pietista do *Sefer Hassidim* (Livro dos Piedosos). Essa postura, austera e ascética, que caracterizaria aquele Judaísmo,⁴⁵ marcava um caráter religioso comunitário. A comunidade teria nesse *Hassidismo* a sua

⁴² Ibidem, p. 90.

⁴³ Ibidem, p. 89.

⁴⁴ “De início as crianças, e, em seguida, as piedosas mulheres passaram a atirar pedras pelas janelas sobre o inimigo, que respondia atirando pedras sobre elas, que por sua vez recebiam-nas até que seus corpos e rostos ficassem esfaqueados em pedaços, e elas insultavam e amaldiçoavam os cruzados em nome do perdurado desprezível e ídolo abominável: “Em quem vocês confiam? Numa carcaça podre!”. Ibidem, p. 87.

⁴⁵ Ibidem, p. 53.

maior influência até a mudança que ocorreria no século XVII, sob a influência do Cabala que se originou em Safed, na Palestina⁴⁶. Longe de ser isolada em seus líderes, consideramos o Hassidismo importante para esse Judaísmo, porque foi responsável por uma postura que esteve em profunda ligação com toda a comunidade.

Essas mudanças na estrutura socioeconômica e na espiritualidade dos judeus ashkenazitas, assim como nas formas oficializadas de encarar o Judaísmo e nas superstições populares que acompanharam a história das perseguições aos judeus na Idade Média, são frutos das perseguições causadas às comunidades situadas no território germânico no período da Cruzada. E refletem ainda, a constatação prática de um arquétipo construído desde os mais remotos textos patrísticos.

Assim, como reinava uma dita paz depois da conquista de Jerusalém pelos cristãos em 1099, as comunidades judaicas conheceram um período de relativa tranquilidade por meio da proteção do Império e do clero germânico. Entretanto, da mesma forma como a situação não tardaria a complicar-se nos reinos latinos do Oriente conquistados na primeira Cruzada, a condição judaica também rumaria em direção a condições já conhecidas pelos judeus da Primeira Cruzada.

⁴⁶ SCHOLEM, Gershom. *As Grandes Correntes da Mística Judaica*. São Paulo: Perspectiva, 1972, p. 83.